

De 07 a 16  
maio / 2015

MIS Campinas  
Palácio dos Azulejos  
Rua Regente Feijó, 859  
Campinas - Centro

Após uma longa seca, com as chuvas de março, o MIS-Campinas foi inundado de notícias. Uma verdadeira enxurrada de manchetes, opiniões, informações... invadiu o museu. O fenômeno resulta de uma espécie de reação automática, de resposta natural, ao desaparecimento (da água, dos peixes, dos pássaros, da sensibilidade, da política...). Depois que as notícias vazaram surgiu "Aparições", uma cidade de papel (papel jornal, revista, papel-tela-do-cinema, papel-fotografia, papel-tela-do-computador, papel-pintura...), inventada por diversas ocupações que artistas, coletivos e pesquisadores criam ao enfrentar o que podem as imagens, palavras e sons diante da violência do desaparecimento desde dentro das lógicas dominantes arquivistas, que atravessam ciências, artes e comunicações. Ocupações aberrantes em busca de expressão das potências da gramática de criação, em que imagens-palavras e sons são expostas às forças de futuros abertos e recombinantes.

**ABERTURA - QUINTA-FEIRA - 07 DE MAIO**

18:30h Conversa com o cineasta  
Sebastian Wiedemann

19:30h Lançamento do livro Kalahari de  
Luís Serguilha

Armando Queiroz  
Sebastian Wiedemann  
Ricardo Lilika  
Odair Mechi  
Gustavo Torrezan  
Natasha Mota  
Luís Serguilha  
Guga Ferraz  
Kbça Grafitti  
Don Guto  
Charles Mendes  
Ivan Coelho  
Milena Rodrigues  
Louise Mara  
Will Fialho  
Larissa Rodrigues  
Elenise Cristina Pires de Andrade  
Coletivo Fabulografias  
Coletivo Garapa  
Coletivo Cê  
Coletivo Onírico  
Grupo multiTÃO do Labjor-Unicamp  
Grupo OLHO da Fe-Unicamp  
Grupo RASURAS da UFES  
Grupo Entrefios e memórias



## MIDAS

Armando Queiroz, Belém do Pará

Miséria, hanseníase e abandono espreitam Serra Pelada quase trinta anos depois do início da ‘febre do ouro’. Restaram casebres abandonados, pessoas perambulando, quais mortos-vivos, numa cidade fantasma ao redor de um grande lago contaminado de mercúrio, o oco. Restaram velhos aposentados, mulheres e a prostituição infantil. O índice de HIV é altíssimo. O gigante ameaçador, percebido no clima tenso do local está presente a todo o momento. O gigante quer terra, o gigante quer expulsão, o gigante tem papéis e advogados, o gigante tem anuência do poder constituído. O garimpeiro tem apenas uma amarfanhada carteirinha de autorização para exploração de minério, e muita tristeza da sua atual situação. O garimpeiro tem ao lado de si muitas cooperativas, nem todas bem intencionadas. Muitos não deixam o local simplesmente por vergonha, não teriam condição de encarar seus familiares tantos anos depois, sem nada nas mãos. É regra geral ouvir que saíram sempre pior do que chegaram. Dos poucos que ainda exploram o minério, pouca ou nenhuma esperança. É comum a todos que vão a Serra Pelada perceber que aquele é um momento especial, algo de positivo irá acontecer brevemente, vã expectativa! Tudo retorna ao mesmo lugar: o lugar da espera, da desesperança. Como tatus cegos que fuçam incessantemente a terra, estes homens não abandonam o sonho do ouro. Aquela cava submersa é ainda o jardim de rosas onde Midas acolheu o velho sátiro Sileno, mestre e pai de Ovídio.

## ZUGANG

*Conceito: Sebastian Wiedemann + Adrián Cangí, Imagem: Sebastian Wiedemann + Florencia Incarbone, Realização: Sebastian Wiedemann, Duração: 14min. Ano: 2011, Pais: Colômbia + Argentina*

Fluxos, variações, ritmos.

Zugang, do alemão acesso, entrada, passagem...

Derivas, passos, caminhos...

Sem medo, aventurar-se a andar no desastre, em estado de catástrofe.

Tudo foi, tudo pode ser. Passear-se!

A vida passeia, nos passeia. Aparições!

Errância de cosmos, de mar aberto.

O faro des-aparece.

Zugang. Entradas, saídas. Sem fim, sem começo.

Re-aparecer, com-parecer ao acontecimento.

Miragens, visões, aparições!

## A MARGEM

*Coletivo Garapa, São Paulo*

A margem é uma exploração documental e afetiva do Rio

Tietê. O projeto foi conceituado e realizado a partir de uma série de experimentos multimídia relacionados a trechos dos relatos históricos de viajantes dos séculos 18, 19 e 20 pelo rio. Avanhandava é um desses experimentos, e busca, através do contraste de imagens do passado e presente, situar o espectador em uma geografia mutante, onde o tempo já não é linear.

## KALAHARI

*Luís Serguilha, poeta português*

KALAHARI É UMA OBRA POÉTICA misturadora de geografias, de ciências, filosofia, línguas extintas: FLUXOS intermináveis, corpos escarificados, forças em problematização, feiticeiros multímodas, entre-caos, agramaticalidades, errâncias, cartografias singulares, nomadismos, animalidades ritmáveis, variações contínuas, simultaneidades, transmutações, miscigenações, subducções híbridas contaminadas pelas expressões migradoras escritas na sombra do deserto sem mapas: potências da vida, forças metamórficas, composições afectivas-paradoxais impulsionadas pelo DAIMON-caleidoscópico da ESTÉTICA DO LAHARSISMO\_\_\_avalanche do impensado e do anargânico!

## OCHENTE

*Artistas de Feira de Santana – Kbça Grafitti, Don Guto, Charles Mendes, Ivan Coelho (grafiteiros); Milena Rodrigues (pesquisadora e desenhista); Louise Mara (videomaker); Will Fialho (poeta); Larissa Rodrigues (pesquisadora e poeta); Elenise Cristina Pires de Andrade (Profa. Dra. da Universidade Estadual de Feira de Santana)*

Uma inundação é anunciada na Feira: “ochente de notícias, manchetes, informações...”. Grafites, poemas, contos, desenhos, vídeos, tecidos, papeis, pixels são re-cortados, trans-portados, re-portados, trans-cortados por Lucas de Feira até o MIS, naquele mesmo primeiro andar. Aparecem as águas? Desaparecem os olhos d’água? Enchentes de sensações, angústias, certezas de um sertão que se acha tão certo em destruir... “Xo ver”, brada Lucas, quase duvidando deste delírio... Qual é a fonte? Questionam os pesquisadores! “A fonte do prato” respondem os artistas... Aparecem os olhos d’água minando pelas ruas dessa Feira anunciada, uma cidade através do grafite, da poesia, dos desenhos que não estão propriamente nos muros, mas nos ‘rascunhos’ de ideias que estão sempre sendo re-novadas, re-cortadas, em uma re-existência ao desaparecimento... das águas?

## DIZER-CIDADE: RITMOS E OLHARES

*Grupo de Pesquisa RASURAS – Imaginação Espacial, Poéticas e Cultura Visual & GRAFIAS – Laboratório de Geografia Criativa da Universidade Federal do Espírito Santo – Antonio Carlos Queiroz Filho*

Apresentação de dois vídeos-experimentais, intitulados “Ritmo Urbano” e “Outros Olhos”, ambos selecionados para a mostra competitiva do Festival de Mídias Alternativas, que integrou a edição do Vitória Cine Vídeo (2012), reconhecidamente, o principal evento de produção audiovisual do Espírito Santo. O intuito foi pensar a cidade a partir de outros fluxos e miradas. Dar a ver aquilo que é entremeio da experiência cidadina amesmada, em face do que deixar de ser visto, dito, sentido. Cores, movimentos e formas, em sincronia sonora, exigem de nós uma outra sensibilidade e, por conseguinte, um outro modo de dizer-cidade.

## ESCAVAÇÕES

*Coletivo Fabulografias - Alik Wunder, Alda Romaguera, Marli Wunder, Alessandra Melo, Rodolfo Fordiani, Angélica Brotto, Cláudio Camargo, Diego Alexandre de Souza, Davina Marques, Maisa Calazans, Pamela Sanches, Lilian Barbosa, Murilo Salvador*

Lascas, camadas que se (des)pregam, vestígios... Provocar aparecimentos (de)molindo superfícies por arranhões, raspagens nas paredes, chãos. Escavar, escovando das palavras suas text-uras, ranhuras de textos, des-casamentos. Arranhaduras, raspas que se criam por fragmentos de contos, nos/dos escombros de remontadas oralidades e significâncias, ressoando clamores guardados no corpo das palavras. Inspirados nas imagens e escritos de Tom Lisboa (Palimpsestos), Leila Danzinger (Todos os nomes da melancolia) em obras que tem como suporte o papel jornal, pelas fotografias de Francesca Woodman e pela poesia Escova, de Manoel de Barros, o Coletivo Fabulografias propõe pensar uma intervenção pela poética do fragmento.

## A PARIR SONS

*Grupo OLHO da Fe-Unicamp - Marcus Novaes, Gustavo Scolfaro, Juliana Aparecida Jonson, AC Amorim*

A partir de uma composição de sons da cidade, a instalação sonora incentiva que o público possa interagir e interferir na paisagem local, e criar e produzir outras referências com o espaço da rua. A palavra, o ruído e o chiado buscam proliferar encontros ainda (a)hierárquicos em graus e intensidades pré-significantes.

## POÉTICAS EM (DES)APARIÇÕES

*Pamela Sanches e Lilian Barbosa e Coletivo Fabulografias*

A oficina propõe um encontro literário em que a poética possa se fazer por fluxos de sensações efêmeras, que aparecem e desaparecem em uma composição coletiva e fragmentada. Assim, busca-se uma criação-acontecimental, em um devir-outro da língua, em um (de)composto de sensações em que poéticas se criam e recriam.



## CUNHÃNTÃ

*Coletivo Cê, Sorocaba-SP*

Corpos amolecidos pela água, que fluem na cidade como matéria viva de invenção e experimentação, espaço de escuta e desejo de vida, passageiros, entregues ao habitar o movimento de uma cidade em transe. O experimento compõe o processo de investigação cênica Cunhãntã, realizado pelo Coletivo Cê, desde 2014, que transita entre as linguagens da performance, do teatro e da dança.

## SERTÃO-SUL (ESTUDO PARA MONUMENTO)

*Gustavo Torrezan*

*Ano: 2015. Materiais: cacto mandacaru, vaso de barro, luz incandescente, pneu automotivo. Dimensões: 60cm altura 40cm diâmetro.*

O trabalho traz aspectos reflexivos sobre a “incurção” desenvolvimentista moderna de Brasil adentro de seu próprio território. Soma materiais e símbolos temporais muitas vezes não associados: o mandacaru do sertão dá suporte à luz elétrica e o pneumático veicular circunscreve o vaso de barro. Materiais de características diferentes se somam para unificar um discurso modular que tenta da unidade apesar da diversidade.

## COLETIVO INVISÍVEL

*Alessandra Melo e adolescentes internos na Fundação Casa*

Uma enchente submergiu a cidade, após este acontecimento um novo lugar aparece. O que nos mostra esta nova cidade? Tendo esta pergunta como disparadora foram realizadas oficinas com adolescentes, alunos do ensino regular de filosofia e história, internos na Fundação Casa (Unidades Andorinhas, Campinas e Maestro). Por meio de experimentações textuais, desenhos e fotografias, fragmentos desta nova cidade se fizeram. E em manipulações digitais, repetições e composições de postais estas cidades dobraram-se em outras e outras... O que se repete e o que se diferencia? O Coletivo invisível traça possíveis cruzamentos entre uma prática de sala de aula e a produção artística coletiva, em busca de respostas: que cidades este acontecimento criativo capta e inventa? Que ressonâncias fazem com estas jovens experiências de vida em reclusão?

## ARRASTROS - ARQUIVOS DA BEIRA DO MUNDO

*Odair Mechi Soares e Coletivo multiTÃO (Lbjor-Unicamp) - Susana Dias, Tatiana Plens, Cristiane Delfina e Carolina Cantarino.*

Um entulho de notícias, manchetes, informações e opiniões

se amontoou no MIS-Campinas após a inundação. São objetos vestidos de jornal e coletados por catadores. Restos, rastros de nossos modos de viver, ver, dizer, escrever. Coisas que queremos que desapareçam. Coletadas por pessoas que vivem à beira do mundo e inventam com esses restos novos modos de classificar, ordenar, armazenar, funcionar, reutilizar e redescartar... São arquivos à beira do mundo, inventário vertiginoso...

## ATÉ ONDE A ÁGUA CHEGOU

*Coletivo multiTÃO – Lbjor-Unicamp - Susana Dias, Carolina Cantarino, Fernanda Pestana, Tatiana Plens, Thiago la Torre e Cristiane Delfina*

Nas colunas, as marcas de até onde foi a catástrofe comunicacional. A inundação de matérias que tratam dos povos, ciências, culturas e conhecimentos invisibilizados, desprezados, desaparecidos. Dá pra se ter uma noção do tamanho da inundação. As imagens dão a ver como a comunicação atua com a medida do possível. Um QR Code, “código de barras” em rede dá acesso a uma coleção de conteúdos publicados pela Revista ClimaCom. Uma busca por pensar uma nova forma de pensar a medida, o possível e o humano, em que medir, calcular, quantificar é menos limitar, referenciar, e mais inventar relações, afetos. O que se quer é que as colunas deixem assim de ser o cálculo do passado, para propor uma medida de futuro.

## COLEÇÃO DE DESERTOS

*Coletivo multiTÃO – Lbjor-Unicamp – Susana Dias, Carolina Cantarino, Fernanda Pestana, Cristiane Delfina, Tatiana Plens*

Inspirados na obra Kalahari do poeta português Luís Serguilha, o coletivo multiTÃO selecionou espécimes de papel-jornal extintos e mutantes, criações de artistas e pesquisadores do coletivo multiTÃO nos últimos anos e espécies híbridas que surgem com o contato com a obra do poeta. Tais espécimes são expostos como coleções biológicas e convocam pensar a escrita como laboratório de experimentação de contágios.

## ENTRE-VIDAS

PAULO NOBRE – CLIMATOLOGISTA

*Concepção da exposição – Susana Dias e Cristiane Delfina. Vídeo – Entrevista: Carolina Cantarino, Daniela Klebis – Direção: Susana Dias – Imagens: Obra Marmetria, de Fernanda Pestana – Roteiro e Captação: Susana Dias e Cristiane Delfina – Montagem: Cristiane Delfina*

O que podem os artefatos de divulgação científica quando se propõem a conjugar linhas distintas? Linhas de artes e ciências, linhas do imprevisível e do controle, de ficção e realidade, linhas da composição fotográfica de Marmetria de Fernanda Pestana e da modelagem computacional de Paulo Nobre. Talvez possam afirmar o ato de entrevistar como

invenção de entrelinhas. Invenção que se faz pela criação de sobreposições variáveis, conexões anômalas, tramas heterogêneas e não lineares. Pela resistência às fusões e totalizações, pela tessitura movente de entradas e saídas múltiplas. O grupo multiTÃO, responsável pela entrevista e criação deste vídeo, se interessa pelos modos como as linhas afetam umas às outras. O interesse pelos afetos é um interesse pela vida. Como diz Paulo Nobre, “a vida como um mistério que não pode ser encapsulado num conhecimento já dado, totalizante, completo e previsível”. Por isso o grupo insiste em interrogar: o que acontece com a divulgação científica quando o que a move é a vida? A vida como conjugação de linhas de força que impedem o pensamento codificado, fechado, determinado e que nos convida não a reagir, mas a inventar modos de agir diante de um turbilhão de modelos móveis e provisórios, imperfeitos, incertos e frágeis.

CARLOS MONDRAGÓN – ANTROPÓLOGO

*Coletivo multiTÃO. Concepção da exposição: Susana Dias e Cristiane Delfina. Entrevista: Daniela Klebis e Tainá de Luccas. Direção: Susana Dias e Cristiane Delfina. Imagens: Performance “Um clima bom para tomar outros banhos” do Coletivo Onírico de Teatro com Henrique Dutra, Lis Nasser, Maria Clara Teixeira, Ana Paula Piunti. Textos - Susana Dias. Captação entrevista: Tainá de Luccas. Fotos: Natasha Mota. Captação performance: Cristiane Delfina. Montagem: Cristiane Delfina. Trilha Sonora: João Arruda.*

Divulgar é criar arquipélagos audiovisuais. Colocar próximas comunidades de palavras, imagens e sons bastante distintas. Fazer com que vivam juntas e se afetem mutuamente. Neste vídeo buscamos relacionar uma entrevista realizada com o antropólogo Carlos Mondragón, uma performance teatral executada pelo Coletivo Onírico em Campinas-SP, as fotografias de Natasha Mota e a trilha sonora feita pelo músico João Arruda. Um intenso querer o encontro entre ciências e artes como um convite a experimentar a divulgação científica como criação de relações. Relações, entretanto, de naturezas diferentes. Relações moventes, abertas, estranhas, indígenas. Relações que nos expõem a percepções distintas do humano. Não há mais como guardar-nos numa sintaxe pré-definida e numa gramática audiovisual dominante. Chove. Chove em nós. Chovemos nós.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL

*Coletivo multiTÃO – Lbjor-Unicamp - Susana Dias, Carolina Cantarino Rodrigues, Michele Gonçalves e Tainá de Lucas. Coordenação e direção: Susana Oliveira Dias e Carolina Cantarino Rodrigues. Roteiro: Susana Dias, Carolina Cantarino e Michele Gonçalves. Montagem: Tainá de Luccas*

Rede de intrigas. Rede Internet. Um emaranhado de ações e reações de corpos que nos tomam em suas obsessões por fazer funcionar a fixação de uma linearidade do tempo



passado, presente e futuro, por desejarem conter a vida em dados, fotos e fatos, que insistem em representar o desastre e, assim, garantir a circulação de um conjunto de significações dominantes que dizem sobre o tempo, sobre a vida. Papel-guerra. Em disputa constante pela verdadeira descrição, pelo fiel testemunho, pelo cenário real do qual participam ciências, artes e mídias as mais diversas. O que pode uma rede de divulgação científica das mudanças climáticas? O que pode uma rede dentro de outra rede, a Rede Clima? Perguntas que nos movimentaram na criação de uma vídeo-instalação no Museu da Imagem e do Som (MIS) em Campinas em abril de 2014. Uma “Estação experimental” de divulgação científica, na qual o público foi convidado a rasgar, amassar, raspar, costurar, colar, fotografar, filmar, escrever, ler... um cenário repleto de clichês que compõem as mudanças climáticas nos papéis (jornal-revista-TVcinema-literatura) Camadas e camadas de imagens, palavras, sons, significações, ordens, instruções e operações que foram feridas, rompidas, esburacadas, perfuradas, aranhadas. Foram oferecidos trechos de obras literárias e filosóficas que eram lidos pelo público durante as filmagens. Num computador, as filmagens foram gravadas e reprojatadas abaixo do cenário de clichês e num tabuleiro de uma cidade esvaziada, feita de figuras frequentes na divulgação das mudanças climáticas, extraídas, entretanto, de seus conteúdos: chaminés de fábricas, carros, pessoas, nuvens... As filmagens dos gestos projetados compunham dois cenários cujas forças convocadas eram, ao mesmo tempo, das mudanças climáticas num cenário no papel, preso às paixões e ações dos corpos, às moralidades, fixado ao tempo presente e marcado pela vontade de captura do passado e do futuro; e das mudanças climáticas num cenário de papel, em que imagens, palavras e sons escapavam num constante movimento, numa dança delicada de sombras e cores anônimas, de vozes e ruídos precários. Entre os dois cenários da videoinstalação e este vídeo.

**IMAGENS ENTRETECIDAS: A LINHA, O BASTIDOR, O TEMPO**  
*Grupo Entrefios e memórias - Marli Wunder, Neusa Aguiar, Edwiges Botin e Silvana Mondell. Edição: Cristiane Delfina & Oscar Guarín-Martínez. Produção: Susana Dias, Fernanda Pestana, Cristiane Delfina & Oscar Guarín-Martínez. Imagens: Coletivo multiTÃO - Fernanda Pestana, Meghie Rodrigues, Cristiane Delfina, Tainá De Luccas, Daniela Klebis e Oscar Guarín-Martínez.*

Fios, linhas, imagens tecidas. Tempo-trama que atravessa o bastidor. Um convite a bordar, interferir com a linha, a mão e a agulha nas imagens presentes nas mídias que modelam um clima futuro. Intervir nos gráficos, fotografias, mapas e esquemas didáticos que predominam na divulgação das mudanças climáticas. Desbordar as narrativas que fixam passado e futuro em previsões. (Des)fiar linhas e pontos já dados. Urdir passado-presente-futuro em conexões múltiplas. Tramar climas, (re)modelar possibilidades de tempos, tecer

imagens outras que possam criar novas narrativas, entre fios e memórias, para o futuro, para o humano. Este vídeo é mais um resultado de um convite que a equipe da Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas, da Rede CLIMA, fez às bordadeiras Marli Wunder, Neusa Aguiar, Edwiges Botin e Silvana Mondelli, do grupo de bordadeiras “Entrefios e memórias”, do Centro Cultural Casarão do Barão, em Campinas (SP), para uma produção coletiva de imagens que compõem a edição “Redes” da revista ClimaCom no dia 15 de novembro de 2014. O vídeo traz à tona uma das apostas do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações (CNPq), de que divulgar ciência é promover encontros. Os encontros envolvem um afetar e um ser afetado. Exigem a abertura ao novo, a algo que só pode ser criado no encontro. O vídeo como encontro, como trama. Uma experimentação que se quer não apenas com as ciências, comunicações e culturas já existentes, mas que investe numa criação por vir. A montagem como experimentação de ficção científica.

## VELHO CHICO

*Claudio Camargo e Diego Alexandre de Souza*

Ecos de imagens distantes cravadas no concreto da cidade. Painel cartográfico do Rio São Francisco com seu desaparecer humano/inumano.

## DESFAR ÁFRICAS

*Glauco Roberto*

Mapas do continente africano, linhas e agulhas são os materiais usados para experimentar e pensar: o que pode a África nas escolas? Professor e alunos desbordam limites e fronteiras da gramática do livro didático, estendem territórios de significações e lançam fios soltos, prontos a enrolar e emaranhar quem passa pela cidade por outras áfricas.

## FOTOCOSMOGRAFIAS

*Fotógrafos Ricardo Lilika e Natasha Mota e pesquisadoras Susana Dias e Carolina Cantarino do Coletivo multiTÃO*

Há lugares na cidade que nos violentam com o desaparecimento da política e que nos colocam o problema da adaptação às situações. Lugares que geram movimentos fotográficos demasiadamente humanos, marcados pelas vontades de registro e denúncia. Como se a fotografia fosse um pedaço de um grande quebra-cabeças e a adaptação fosse um gesto de encaixe, acomodação. Nesta experimentação queremos desmontar dos jogos já dados e abrir as imagens-mundos a partir de conversas com a população e intervenções nas imagens. Trata-se de povoar as imagens com as forças do cosmos (sol, vento, chuva, tempestades, plantas, animais, coisas...) e devolvê-las aos espaços onde foram tiradas e outros, com o intuito de afirmação do gesto de fotografar

como criação de outros cortes e composições de quebra-cabeças impossíveis, como colagens de tempos distintos, invenção de modos de resistir e existir do humano na relação com as forças da vida.

## POLÍTICAS DE PAPEL

*Coletivo multiTÃO – Susana Dias, Carolina Cantarino, Michele Gonçalves, Cristiane Delfina e Fernanda Pestana, Meghie de Souza e Daniela Klebis*

Espalhadas pelo MIS estarão instalações de papel-jornal inspiradas em artistas que lidam com jornais, como Geoffrey Farmer, Guy Denning, Leila Danzinger e o trabalho do grupo de teatro Ponto de Partida, no espetáculo Ser Minas Tão Gerais. Instalações que usam imagens, palavras e sons de notícias e reportagens produzidas pelo Coletivo multiTÃO para a revista ClimaCom, em conexão com fragmentos de notícias dos mais diversos veículos e uma coleção de dados produzidos por cientistas da Rede CLIMA sobre diversos aspectos das mudanças climáticas. São instalações que se propõem a extrair forças da materialidade dos jornais para gerar expressões e sensações das políticas de papel.

## Intervenções urbanas com GUGA FERRAZ